

DO TEATRAL AO VIRTUAL - Infâncias entre espetáculos, faz-de-conta, blogs e sites

O teatro é uma linguagem ancestral. Acompanha a humanidade, estando presente nas manifestações de cunho sagrado e ritualístico desde a pré-história. A linguagem virtual, por sua vez, é recentíssima. Possibilitada pelo avanço tecnológico alcançado no último século, passa a fazer parte da vida cotidiana há menos de vinte anos. Há bem poucas décadas, seria impensável comunicar-se, de dentro de sua sala ou quarto, com qualquer parte do mundo, enviando e recebendo informações, imagens, sons e cores...

No decorrer das transformações do espetáculo teatral, crianças e adultos assistiam às peças juntos, tanto nas arquibancadas dos anfiteatros gregos, nas ruas e praças medievais, nas missões jesuíticas espalhadas pela América Latina, como nos palácios da Idade Moderna, reverenciando reis, rainhas e príncipes... Mais tarde, adultos produzem um tipo de teatro (bem como de literatura e de filmes) especialmente dirigido às crianças, que supostamente *“fala a língua das crianças?”* e *“ensina-lhes coisas que necessitam aprender?”*. É o teatro infantil, primo-irmão da literatura infantil, tio dos filmes e desenhos animados para crianças, provavelmente avô ou bisavô dos *blogs(1)*, *chats(2)* e *sites* endereçados aos pequenos internautas.

As novíssimas gerações, segundo Garbin (2001), poderiam ser chamadas de *“gerações digitais?”*, tal a intimidade apresentada por jovens e até por crianças na mais tenra idade com as máquinas e suas minúcias, interfaces virtuais de um computador conectado à rede, ligando lares de todo planeta, colocando a todos em um mesmo emaranhado de fios, ondas e *bites*, tornando-nos uma ínfima parte da rede do tamanho do mundo - a *WWW (world web wide)*. Os *“pequenos sabe-tudo?”* ensinam seus pais e professores a manipular a tecnologia que nasce com eles, que dominam e manejam com desenvoltura, na qual expressam-se e (re)criam, e através da qual aprendem e são também apreendidos. Invertem-se os papéis: a habilidade desenvolvida pelas crianças em sua familiaridade com mouses, controles remotos e as telas de computadores e de aparelhos de TV, as faz perspicazes *“marinheiros?”*, navegando por mares e praias anteriormente permitidos somente aos adultos. *Esta infância digital existe e suas crianças parecem ser “inteligentes, aceitadoras da diversidade, curiosas, autoconfiantes, com auto-estima e orientação global?”* (TAPSCOTT, 1999, p. 101). Entretanto, torna-se necessário que nós, os *“outros?”* de gerações anteriores, encontremos na *“infância sua presença enigmática diante da exigência que este mundo traz consigo?”* (LARROSA, 1998, p. 71).

As mesmas crianças que constroem *blogs* complexos, repletos de cores, sons, gráficos, movimentos e imagens, nos quais registram suas impressões cotidianas e fatos de suas vidas, também brincam de *“faz-de-conta?”*, praticando solitárias ou com outras crianças seus jogos de imaginar: cenas, lugares, eventos, pessoas... Enfim, a base da linguagem teatral: a materialização de outro que não sou eu, que a princípio vive somente em minha imaginação e ao qual eu dou vida corporificando-o através de meus gestos, palavras, ações e movimentos. Ser um super-herói, um cantor, uma pop-star ou uma princesa é possível na brincadeira de *“faz-de-conta?”*, é possível através do apelido que uso em um *chat*, das *dolls(3)* que construo; é possível através dos filmes e peças que assisto, dos livros que leio, dos *sites* que visito.

Pensemos então: essas crianças que agem, inventam e constroem mundos, seres e a si mesmas em suas práticas cotidianas, sejam elas virtuais ou teatrais, e no contato com a diversidade de artefatos culturais disponíveis, podem elas ser consideradas indefesas, débeis e inaptas, como as pressupõe a recorrente representação moderna da infância?

Contemporaneamente, a polissemia de discursos sobre a infância contribui para compor novos mapas conceituais que permitem não só problematizar a concepção una, centrada e naturalizada de infância, como permite identificar as descontinuidades presentes em seus próprios pressupostos. Pensar em crianças é aventurar-se nas histórias de infâncias que nem sempre são contadas da mesma forma, que possuem diferentes narradores, mas que possibilitam às pessoas rumos e escolhas diferenciados a partir da perspectiva em que lançam seus olhares. Observar as infâncias que emergem no cotidiano, ver os/as filhos/as, sobrinhos/as, netos/as, ou qualquer criança com a qual se tenha contato é redescobrir o *“enigma?”* que está inscrito dentro de cada uma delas. Perceber as múltiplas linguagens que constituem as crianças como sujeitos das culturas, é uma tarefa de todos que convivem com elas. É preciso olhar as infâncias como muitas, e não como *“a infância?”*, aquela idealizada pelos *“outros?”* que somos nós. Desta forma, teremos a possibilidade de percebermo-nos também como infantes, não os que fomos, mas os que seremos sempre, latentes em um *“devir que nos acompanha, indelevelmente.”* Propomos assim um refletir/agir sobre as infâncias que se delineiam na pós-modernidade, sobre seus cenários, objetos, figurinos, personagens, sobre um mundo admiravelmente novo, radicalmente diverso daquele de outros tempos. Múltiplas linguagens, crianças descentradas, infâncias desterritorializadas - cenas da vida pós-moderna, infantes que não devemos demonizar, mas procurar compreender.

Notas:

1) - Diário virtual em que se registram, através da escrita e da inclusão de fotos e imagens, fatos da vida cotidiana das pessoas, reflexões sobre determinados assuntos, etc. Ao contrário dos antigos *“diários de papel?”*, há a possibilidade de participação de

leitores internautas, que podem enviar comentários sobre o que é relatado nos blogs.

2) -Salas de bate-papo em que as pessoas ?conversam? em tempo real pela www.

3) - Bonecas virtuais que podem ser montadas pelos internautas, muito conhecidas entre crianças e jovens que acessam a Internet.

Referências bibliográficas

GARBIN, Elisabete Maria. www.identidadesmusicaisjuvenis.com.br - Um estudo de chats sobre música da Internet. Porto Alegre: UFRGS, 2001. 260p Tese (Doutorado em Educação) ? Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2001.

LARROSA, Jorge. O enigma da infância ou que vai do impossível ao verdadeiro. In: LARROSA, Jorge; LARA, Pérez Nuria (orgs). Imagens do Outro. Petrópolis: Vozes 1998.

TAPSCOTT, Don. Geração digital: a crescente e irreversível ascensão da geração Net. São Paulo: Makron Books, 1999.